

Rótulos e debates queer

Eu acredito que embora existam perspectivas, sensibilidades, experiências e tópicos lesbianos, não há “escritoras lésbicas”.

Para mim o termo lésbica es un problemaⁱ. Como Chicana mestiza¹ de classe operária – um ser composto, amálgama de culturas y de lenguas – uma mulher que ama mulheres, “lésbica” é uma palavra cerebral, branca e classe média, representando uma cultura dominante inglês-somente, derivada da palavra grega *lesbos*. Eu penso em lésbicas como mulheres predominantemente brancas e classe média e um segmento de mulheres de cor que adquiriram o termo por osmose muito como Chicanas e Latinas assimilaram a palavra “hispanicas”. Quando uma “lésbica” me nomeia o mesmo que ela, ela me subsume sob sua categoria. Eu sou de seu grupo mas não como uma igual, não como uma pessoa inteira – minha cor apagada, minha classe ignorada. Soy una puta mala, uma frase cunhada por Ariban, uma tejana tortillera. “Lésbica” não nomeia nada em minha terra natal. Diferentemente da palavra “queer”, “lésbica” chegou tarde em algumas de nossas vidas. Me chame de las otras. Me chame loquita, jotita, marimacha, pajuelona, lambiscona, culera – essas são palavras que cresci ouvindo. Eu posso me identificar com ser “una de las otras” ou uma “marimacha”, ou mesmo uma jota ou uma loca porque – esses são os termos que minha comunidade natal usa. Eu me identifico mais proximamente com o termo Náhuatl patlache. Esses termos me situam na cultura Chicana/mexicana do sul do Texas e em minhas experiências e recuerdos. Essas palavras em espanhol/Chicanas ressoam em minha cabeça e evocam sentimentos e significados viscerais.

Quero poder escolher o que vai me nomear. Mas se tenho que escolher um rótulo identitário na língua inglesa eu escolho “dyke” ou “queer”ⁱⁱ, apesar de essas palavras de classe operária (anteriormente tendo conotações “doentias”) terem sido dominadas por teóricas lésbicas brancas de classe média na academia. Queer é usada como um falso guarda-chuva unificador sob o qual “queers” de todas as raças, etnias e classes são enfiadasⁱⁱⁱ. Às vezes precisamos

* tradução feita por tatiana nascimento do ensaio To(o) queer the writer – loca, escritora y chicana. In: KEATING, AnaLouise (Ed.). **The Gloria Anzaldua Reader**. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175.

Notas da autora:

Esse ensaio está em andamento e é um excerto de um texto maior. Ele começou como [a takeoff on the] transcrição de minha parte numa entrevista/diálogo com Jeffner Allen. Gracias a mis estagiárias Dianna Williamson, Vicki Alcoset, Audrey Berlowitz e Michelle Ueland, e também a Betsy Warland e Roz Spafford, que fizeram comentários: gramaticais, estilísticos e conceituais.

¹ Queers neo mestizas têm a habilidade, a flexibilidade, a maleabilidade, a qualidade amorfa de poder se esticar desse ou daquele jeito. Nós podemos acrescentar novos rótulos, nomes e identidades ao nos misturarmos com outrxs.

desse guarda-chuva para solidificar nossas trincheiras contra intrusos. Mas mesmo quando buscamos abrigo sobre ele nós não podemos esquecer que ele homogeneiza, apaga nossas diferenças. Sim, pode ser que todas nós amemos pessoas do mesmo sexo, mas nós não somos iguais. Nossas comunidades étnicas lidam diferente conosco. Eu preciso constantemente afirmar minhas diferenças, preciso dizer: Isso é o que eu penso sobre amar mulheres. Devo declarar: A diferença está na minha relação com minha cultura; a cultura branca pode permitir suas lésbicas que partam – a minha não. Essa é uma forma com que evito ser sugada pelo vórtex da homogeneização, de ser tragada para o abrigo do guarda-chuva queer.

O que é uma escritora lésbica? O rótulo na frente de uma escritora a posiciona. Sugere que a identidade é socialmente construída. Mas só para a/o “outra/outro” cultural. Inconscientes do privilégio e absortos em arrogância, a maioria dos escritores da cultura dominante nunca especifica sua identidade; eu quase nunca os escuto dizer: Eu sou um escritor branco. Se a/o escritor/a é classe média, branca/o, heterossexual, ela/ele é coroada/o com o chapéu “escritor/a” – nenhum adjetivo mitigante depois. Me consideram uma escritora *Chicana*, ou uma escritora Chicana lésbica. Adjetivos são uma forma de coagir e controlar. “Quanto mais adjetivos você tem, mais apertada é a caixa”². O adjetivo depois de escritora marca, para nós, a escritora “inferior”, ou seja, a escritora que não escreve como eles. Marcar é sempre “rebaixar”. E quando eu defendo colocar Chicana, tejana, de classe operária, poeta dyke-feminista junto a meu nome, eu o faço por razões diferentes daquelas da cultura dominante. As razões deles são marginalizar, confinar, e conter. Meu rotular a mim mesma é para que a Chicana e lésbica e todas as outras pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas, ou assassinadas. Nomear é como eu faço minha presença conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência.

Eu tenho o mesmo tipo de problemas tanto com o rótulo “escritora lésbica” quanto com o rótulo “escritora Chicana”. Sí, soy chicana, e portanto uma escritora Chicana. Mas quando críticos me rotulam assim, eles tão^{iv} olhando não para a pessoa mas para a escrita, como se a escrita fosse escrita Chicana ao invés de a escritora ser Chicana. Ao forçar o rótulo na escrita eles a marginalizam.

Tive a questão da legitimidade lançada a mim por outra lésbica Chicana, Cherríe Moraga. Numa resenha do livro *Borderlands/La Frontera*, ela sugeriu que eu não era lésbica mesmo porque não enfatizei minha identidade lésbica nem escrevi sobre sexualidade. Eu concluí que ela queria que eu focasse na sexualidade lésbica. A crítica dela sugere que existe tal coisa como uma escritora lésbica e que uma escritora lésbica deveria escrever somente sobre questões lésbicas e que questões lésbicas são sobre sexualidade³. É irônico que algumas/alguns Chicanas/os hetero, vendo só a diferença sexual porque para elas/eles essa é uma diferença evidente, também marquem aspectos lesbianos e gays de minha identidade e deixem de fora aspectos culturais e de classe. O rotular sempre impacta expectativas. Nessa amarra dupla, um/a leitor/a pode ver o rótulo como um atributo positivo, outra, como uma forma de marginalizar.

² Dianna Williamson, comentário a esse texto, abril de 1991.

³ Cherríe Moraga, “Algo secretamente armado”: a review of Gloria Anzaldúa’s *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*, *Third Woman*, outono de 1989, p. 151-156.

O tópico dessa antologia, “escritoras lésbicas escrevem sobre sua própria escrita”, assume a existência de uma escritora “lésbica”. Ele segue a tradição pela qual lésbicas e homens gays brancas/os de classe média enquadram os termos do debate. Foram eles quem produziram a teoria queer e muitas vezes suas teorias fazem abstrações sobre nós queers de cor. Eles controlam a produção do conhecimento queer na academia e nas comunidades ativistas. Mais acima na hierarquia da política e estética gays, eles têm seu trabalho publicado e disseminado mais rapidamente. Eles entram nos territórios de queers raciais étnicas/Outros e reinscrevem e recolonizam. Eles se apropriam de nossas experiências e mesmo de nossas vidas e nos “escrevem”. Eles ocupam o espaço de teorização, e ainda que suas teorias objetivem capacitar e emancipar, eles frequentemente desempoderam e neo-colonizam. Eles policiam a pessoa queer de cor com teoria. Eles teorizam, isto é, percebem, organizam, classificam e nomeiam fatias específicas de realidade usando abordagens, estilos e metodologias que são anglo-americanas ou europeias. Suas teorias limitam as formas pelas quais pensamos sobre ser queer.

Posicionamento é ponto de vista. E qualquer posição que ocupemos, nós estamos tomando só um ponto de vista: classe média branca. A teoria serve quem a cria. Lésbicas e gays brancas/os de classe média certamente não estão falando por mim. Inevitavelmente nós dykes de cor caímos num modo reativo, contra seus termos e teorias – como eu estou fazendo, como eu tenho que fazer antes que eu possa sequer começar a escrever esse ensaio. Nós focamos no abuso cultural das de cor pelas brancas e então caímos na armadilha da/o leitor/a e escritor/a colonizada/o para sempre reagindo contra o dominador. Eu me sinto impelida a tentar “corrigir” o registro, a falar contra ele, enquanto percebo todo o tempo que queers de cor não são responsáveis por educar lésbicas e gays brancas/os.

Minha objeção às palavras “lésbica” e “homossexual” é que elas são termos com moldes de ferro fundido. Há assunções feitas, tanto por entendidas quanto pelas de fora, quando alguém se identifica com esses termos. As palavras “lésbica” e “homossexual” conjuram estereótipos de diferenças que são diferentes daqueles evocados pela palavra “queer”. “Queer” também provoca assunções e expectativas diferentes. Nos [anos de 19]60 e 70 significava que alguém vinha da classe operária, que não vinha da nata da sociedade. Mesmo que hoje o termo signifique outras coisas, para mim ainda há mais flexibilidade no molde “queer”, mais espaço para manobra. “Lésbica” vem de um molde euro-anglo americano, e “homossexual” de um molde anormal, doentio informado por determinadas teorias psicológicas. Supõe-se que nós não-euro-anglo americanas devamos viver por e à altura dessas teorias. Uma pessoa queer mestiza de cor é empurrada tanto pelo mundo heterossexual quanto por gays brancos para dentro do molde “lésbica” ou “homossexual”, quer ela/ele caiba ou não. La persona está situada dentro de la idea en vez de al revés.

Eu luto por nomear sem fragmentar, sem excluir. Contenção e bloqueio da nomeação é a questão central dessa escrita. A questão cerne é: Qual é o poder e qual é o perigo de escrever e ler como “lésbica” ou queer? Podem o poder e o perigo ser nomeados e pode a escrita queer ser nomeada? Como alguém dá rótulos à escrita queer mantendo a totalidade do grupo e da pessoa em sua mente? Como nós mantemos o equilíbrio entre solidariedade e espaço separado, entre as/os güeras/os e as/os morenas/os? “Onde estão nossas alianças, em nossa

Comentado [S1]: Claudia, aqui o trecho era “by both insiders and outsiders”; outras vezes apareceu de novo um desses termos. Decidi traduzir por “entendidas” porque é um termo que faz referência direta a lesbiandade, e ainda tem essa carga semântica do “fazer parte, entender”. O que você acha?

cultura ou em nossos bagos?”⁴ En vez de dejar cada parte em su región y mantener entre ellos la distancia de un silencio, mejor mantener la tensión entre nuestras cuatro o seis partes/personas.

Identidade não é um monte de cubiculozinhos abarrotados respectivamente com intelecto, raça, sexo, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre, sobre aspectos de uma pessoa. Identidade é um rio – um processo. Contida dentro do rio está sua identidade, e ela precisa fluir, mudar para continuar um rio – se parasse seria um corpo de água contido, como um lago ou um tanque. As mudanças no rio são externas (mudanças no ambiente – leito do rio, clima, vida animal) e internas (dentro das águas). O conteúdo de um rio flui por entre suas margens. Mudanças na identidade, da mesma forma, são externas (como outras/os percebem alguém e como alguém percebe outras/os e o mundo) e internas (como alguém percebe a si mesma/o, autoimagem). Pessoas em diferentes regiões nomeiam as partes do rio/pessoa que veem.

La búsqueda de identidad – quão queer é queer?

Frequentemente sou perguntada: “Qual é sua identidade primária, lésbica, ou classe operária, ou Chicana?” Na definição ou separação da identidade “lésbica” dos outros aspectos de identidade, pedem que eu separe e distinga todos os aspectos uns dos outros. Sou pedida a categorizar cada qual, a fazer delimitações ao redor de cada qual para articular somente uma faceta particular de identidade. Mas colocar cada qual num compartimento separado é colocá-las em contradição ou isolamento quando, de fato, elas estão todas constantemente em diálogo/relação cambiante – a étnica conversa com a acadêmica e assim vai. A lésbica é parte da escritora, é parte de uma classe social, é parte de um gênero, é parte de quaisquer identidades que alguém tem para si. Não é possível de forma alguma passar meus eus numa peneira e dizer: ok, vou deixar a parte “lésbica” de fora, e todo o resto vai ficar na peneira. Todos os múltiplos aspectos de identidades (bem como a peneira) são parte da “lésbica”. Eu posso compreender o impulso de precisar as coisas, de ter uma checklist que diz que para você ser uma dyke, uma lésbica radical, ou uma lésbica S/M, você precisa passar por alguns critérios. Mas quando esses critérios são aplicados a pessoas que estão fora das caracterizações definidas por lésbicas e gays brancas/os de classe média (como Outros/raciais étnicxs), parece muito totalitário. Parece mais totalitário para dykes de cor que para lésbicas, porque a checklist e os critérios vêm da ideologia gay branca, sejam suas/seus proponentes brancas/os ou de cor.

Diferentes lésbicas e gays escrutinam a/o Outrx/cultural para ver se estamos corretas – eles nos policiam por medo de instabilidade na comunidade, medo de não parecer unidos e medo de ataques por não-gays de fora. Mas eu temo uma unidade que deixa de fora partes de mim, que me coloniza, i.e., que violenta minha integridade, minha completude, e que exaure minha autonomia. Por medo, nós também nos policiamos. Por causa de nossa mestizaje, queers de cor temos mais comunidades com que lidar (étnicas, de classe, lésbicas brancas etc.), as quais nos analisam para determinar se “passamos”.

⁴ Dianna Williamson, comentário a esse texto, abril de 1991.

A mesma coisa é válida para a comunidade dyke: ela quer recensear as dykes que estão no armário, as lésbicas que estão fora, as queers que são ativistas, gays que são escritores. Você ganha privilégios diferentes se você está lá fora sendo um modelo da “boa lésbica”. E se você não está, se acontece de você ser uma lésbica e você escreve um conto em que a protagonista é homem ou uma mulher hetero, então você é criticada por apoiar o patriarcado ao escrever tradicionalmente, ao escrever sobre interesses que não são vistos como “interesses lesbianos”. Mesmo assim, o que essas/es leitoras/es falham em ver é que, muitas vezes, na apresentação de conteúdos ou personagens tradicionais que para a comunidade gay apoiam o patriarcado, elas/es podem não estar “vendo” que escritoras queers de cor estão fazendo algo radical ou crítico pela forma e/ou estilo. O conto pode abordar violência de homens contra mulheres. A lésbica branca o “lê” como um texto perpetuador da opressão às mulheres. Muitas vezes, ao mostrar “como é realmente”, dykes de cor efetivamente realizam mudanças na psiquê de quem as lê. Muitas vezes a leitora lésbica perde os sutis elementos subversivos e mensagens escondidas. Sua visão binocular, focada nas árvores, perde a floresta.

Lendo elxs me lendo

Algo estranho acontece quando vou a recitais de poesia ou prosa onde duas ou três lésbicas feministas declamam. Frequentemente nada que elas dizem me comove porque é muito previsível, muito “branco” e racista em sua ignorância quanto às experiências gays de cor. Eu fiz inúmeras declamações na comunidade lésbica branca e quase sempre recebi uma recepção muito generosa. Elas podem se contorcer quando eu abordo racismo e opressão de classe, mas elas engolem o que eu digo. Também já fiz leituras na comunidade missionária Latina/Chicana (onde chamo multidões menores) e senti que elxs iriam preferir que eu deixasse minha queeridade na porta. Por outro lado, poemas e contos lidando com raça e classe são recebidos com muito mais fervor.

Uma vez, no distrito de Haight, eu li para uma audiência de hippies brancos e de cor, beats hetero e pessoas fora do círculo literário. No fim de um poema eu tentei expressar os sentimentos de “estar-em-casa” que experienciei com eles. Eu percebi que tinham sido abertos e receptivos ao meu trabalho e que classe tinha algo a ver com isso. Quando eu li poemas lidando com questões de queer de cor ou Chicana, a audiência não teve nenhum preconceito. Eu me senti aceita, respeitada e valorizada numa forma mais total do que tinha experienciado nas comunidades “lésbica” e missionária em San Francisco. Esses sentimentos são centrais para a interação entre escritora, leitor/a e texto. Classe y el conflicto de clases está no cerne desse ensaio, talvez mais do que lidar com ser “queer de cor”.

No passado, a/o leitor/a era uma personagem menor no triângulo autor/a-texto-leitor/a. Mais e mais, hoje, a/o leitor/a está se tornando tão importante quanto, se não mais importante que, a/o autor/a. Fazer significado é um caso colaborativo. A similaridade de classe, etnia e identidade sexual é um componente forte no laço entre escritor/a e leitor/a. Essa relação íntima interativa que tenho com leitoras/es tem a ver com uma identidade de cor queer feminista mestiza. Nem toda/o escritor/a vivencia essa interação. Essa interação vem com a percepção de que escrever é uma atividade colaborativa, comunal, não feita sob um teto todo seu. É um ato informado e sustentado pelos livros que a/o autor/a lê, as pessoas com quem

interage, e os séculos de história cultural que fervem sob a pele dela. A ideia de escrita compartilhada não faz parte ainda da realidade consensual de muitas/os escritoras/es.

Muitos dos meus poemas, contos e ensaios (que eu chamo *autohistorias*) são sobre leitura – não simplesmente leitura como o ato de ler palavras numa página, mas também “ler” a realidade e refletir sobre aquele processo e o processo da escrita em geral. O poema Haight é sobre mim lendo, sobre outras pessoas lendo-me e eu lendo-as lendo-me. Muitas dessas pessoas na leitura de Haight eram hetero, e um monte delas eram homens – o que você consideraria chauvinista ou anti-feminista –, mas eles estavam lá por mim de uma forma que outros grupos, como o politicamente correto ou o politicamente consciente, não estavam. O que havia sobre elas que era aberto e receptivo? Elas lançavam encorajamentos, balançavam a cabeça e assentiam minhas palavras – elas estavam ouvindo com seus corpos e não só seus intelectos. Elas não estavam “lendo-me” da maneira usual. Elas estavam “lendo” minhas leituras na minha frente. Seus rostos não estavam inexpressivos ou passivos. Elas me viram como uma pessoa vulnerável, de carne e osso, e não como um símbolo de representação, não como uma escritora “Chicana”. Elas me viram como eu queria ser então vista – como um símbolo incorporado.

Lendo como uma lésbica

Ler como uma feminista queer, o que inclui ouvir como uma, pode ser como alguém distinguiria dyke-feminista ou feminista de não-dyke/feminista. Leitorxs queers querem interagir, repetir em resposta ou refletir ou espelhar, mas também mais que só refletir em resposta e espelhar – adicionar ao diálogo. Já lésbicas sentem que dykes de cor têm coisas importantes a comunicar ou talvez elas queiram realmente “ouvir” e “ler” melhor a gente para mitigar e corrigir seu etnocentrismo. E pode ser por isso que dykes de cor têm tão pouca paciência com textos e eventos públicos que não nos permitem participar completamente. Quando vou a apresentações musicais de mulheres brancas, tão pouco de mim chega a interagir que não há nada lá para mim. Quando leio Emma Pérez ou Terri de la Peña ou assisto as comediantes Mónica Palacios e Margo Gómez performando e quando estudo a arte de Ester Hernández eu percebo o que está faltando nos textos de lésbicas brancas – ritos de passagem queer de cor⁵.

Mesmo que o público de Haight-Ashbury tenha respondido melhor (lá em 1980-81), em 1991 leitoras/es e públicos lesbianos e gays (que aprenderam a “ler-me” em suas aulas) não só estão começando a refletir em resposta minhas ideias mas também a ativamente se engajar a mim e minhas teorias.

Queerizando a escritora e lendo com uma facultad queer

⁵ Veja *Chicana lesbians: the girls our mothers warned us about*, editado por Carla Trujillo (Berkeley: Third Woman Press, 1991).

Comentado [S2]: Claudia, eu pesquisei se ela tem um poema com esse nome, sobre essa experiência que comenta, mas não encontrei. Você saberia responder? Fiquei confusa, mas pelo que entendi: ela foi fazer um recital em Haight y depois fez um poema sobre isso?

Nós queers também nos rotulamos. Somos nós, bem como heterossexuais de classe média, quem dizemos “Ela/e é um/a escritor/a gay”. A comunidade gay quer tanto ter orgulho de suas/seus artistas e escritoras/es; ela quer gritar dos telhados. Há uma fome por legitimidade em queers que estão sempre tentando “descobrir” estrelas de cinema e grandes escritoras/es gays.

Pode uma mulher ou homem hetero escrever um conto lesbiano? As questões são: Você é uma escritora dyke porque você é uma dyke, ou você é uma escritora lésbica porque os interesses sobre os quais escreve são interesses lesbianos? Em outras palavras: Existe algo como uma linguagem lésbica, estilo dyke, terminologia lésbica, estética dyke, ou tudo depende da pessoa que está escrevendo, a despeito de ela ser uma dyke, ou uma mulher hetero, ou um homem? Essa é a mesma pergunta que teóricas perguntaram em debates anteriores – pode um homem escrever como uma mulher hetero, pode um homem ler como uma mulher? *Todas nós sabemos que mulheres leem como homens e mulheres escrevem como homens, porque é assim que nos ensinam.* Nós somos treinadas para ler como homens. Garotinhas leem os livros que garotos leem, mas os garotos nunca leem os livros com garotinhas heroínas, e então mulheres são ensinadas a ler faroestes e romances de espionagem e suspenses, e a literatura “séria”⁶, mas nós também lemos “literatura para mulheres”, assistimos novelas, lemos romances, lemos suspenses para mulheres. Mas homens não são ensinados a ler mulheres. Como e por que nós rompemos com essa socialização de gênero? O princípio não é significante para estabelecer o critério? A leitura afeta o desenvolvimento da identidade feminina e masculina. Eu, por mim, defino minha vida e construo minhas identidades através do processo de leitura e escrita – romances policiais dykes, teoria cultural, ficção latino-americana. Podemos aplicar isso da mesma forma a leitoras lésbicas e escritoras lésbicas?

Uma mulher hetero leitora de escritas dykes provavelmente não entenderia muitas das minúcias relacionadas a sexualidades ou experiências sexuais dykes (a não ser, é óbvio, que ela tenha um monte de amigas lésbicas). Queers (incluindo-se Outras/os culturais) podem achar os vãos num texto lesbiano e reconstruí-lo, já uma mulher hetero pode não conseguir. Estou argumentando por uma sensibilidade lésbica, não uma estética lésbica.

Ler é uma forma de construir identidade. Quando alguém lê algo com que é familiar, se apega àquela familiaridade, e o resto do texto, o que permanece escondido, não é percebido. Mesmo que alguém perceba coisas que são muito diferentes de si mesma/o, aquela diferença é usada para formar identidade por negação – “eu não sou aquilo, eu sou diferente daquela personagem. Isso sou eu, aquilo é você”. Ainda assim, leitoras têm atração ao não familiar, uma curiosidade. Por isso é que leitoras/es hetero leem literatura gay. Quando uma escritora hetero escreve sobre nós, talvez também por curiosidade, ou queeridade latente ou para lucrar com um estilo de vida proibido que está na moda, ela/ele comumente acaba se apropriando de nossas vidas, prestando a elas atenção **fetichizante** e focando no sexo ao invés de focar na plena complexidade de nossas vidas. Então, mesmo que nós escrevamos para leitoras/es hetero, elas/es não escrevem para nós.

⁶ O debate não é sobre o que é literatura “séria” como oposta a literatura mulher-centrada. Os termos são suspeitos para aceitar. Isso significa que o que mulheres leem não é “sério”, i.e., não é importante? Entretanto, esse texto não é o lugar para levar essa discussão.

Comentado [S3]: Claudia, tenho muita dificuldade em traduzir “tokenism”. Na minha cabeça é um combo de abordagem-por-cotas + fetiche + paternalismo, mas não sei uma palavra em pb pra isso. Você tem alguma sugestão??

Formação de identidade é um componente em ler e escrever, quer por empatia e identificação, quer por desidentificação. Se é uma lésbica quem está lendo, ela vai ter mais incentivo para continuar lendo quando chegar a uma passagem com teor de interesse dyke em minha escrita. Haverá mais portas e janelas pelas quais ela pode acessar o texto do que se ela for uma não-lésbica. Se ela é uma dyke operária de cor, entretanto, há ainda mais entradas, mais oportunidades de identificação. Se ela é uma lésbica Chicana ela tem a maior possibilidade de se achar representada em minha escrita. Mas algumas dykes Chicanas, como as que vivem na cidade ou as mais novas, podem ser excluídas de minha escrita, enquanto outras que carregam outros tipos de "outridade" podem se conectar à minha escrita. Assim como falamos de formas diferentes, nós lemos de formas diferentes, escrevemos de formas diferentes. Experiências educacionais e vividas mudam a forma como falamos, ouvimos, lemos e escrevemos.

Mas há mulheres acadêmicas hetero, brancas, que às vezes "veem por" e "veem através" para, inconscientemente, falsear disfarces ao penetrar a superfície e ler por sob as palavras e nas entrelinhas. Como de fora, elas podem ver através do que estou tentando dizer melhor do que uma entendida. Para mim, então, é uma questão de se a leitora individual está em posse de um modo de leitura que pode ler o subtexto, e pode introjetar suas experiências nos vãos. Algumas/alguns leitoras treinadas convencionalmente não têm a flexibilidade (na identidade) nem a paciência para decifrar um texto "estranho", ou seja, diferente. Habilidades de leitura podem resultar de algumas experiências étnicas, de classe ou sexuais as quais permitem que ela leia de formas não-brancas. Ela vê um texto e o lê diferentemente.

Eu sou também uma leitora de meu próprio trabalho. E como leitora, eu usualmente tenho mais em comum com a dyke Chicana que com a feminista branca, classe média. Estou em posse de ambas formas de leitura – formas Chicana operária, dyke de ler, e formas branca classe média heterossexual e masculina de ler. Eu tive mais treino de leitura como acadêmica branca, classe média do que como Chicana. Assim como nós temos mais treino de ler como homens.

Lendo com o pé na boca

Aprender a ler não é sinônimo de aprendizado acadêmico. Pessoas operárias e das ruas podem viver uma experiência – por exemplo, um incidente que se passa na rua – e "ler" o que está acontecendo de forma que um/a acadêmica não poderia. Uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue, seu posicionamento particular, ponto de vista. Quando eu escrevo sobre ideias diferentes, eu tento encarná-las e incorporá-las ao invés de abstraí-las. Mas eu nem sempre explico tudo. Eu quero que a leitora deduzo minhas conclusões ou ao menos chegue à dela mesma. Frequentemente, a pessoa operária ou a dyke de cor automaticamente se identifica com aquela experiência e diz "Ah, sim, eu vivi isso, ou minha amiga me disse que viveu isso", ou algo assim. A mulher acadêmica branca, classe média pode ver isso em termos de onde a autora se posiciona; esteja ela "relendo" (reinterpretando) ou reinscrevendo certos signos patriarcais; esteja ela/ele se localizando num período histórico específico; seja ela autorreflexiva sobre sua escrita. Essas são as abordagens e movidas que ela aprendeu como crítica feminista, e elas são diferentes

Comentado [S4]: Algumas pessoas já reclamaram comigo porque costumo traduzir "otherness" como "outridade" e não "alteridade", mas tem uma palavra pra alteridade em inglês, e eu acho que elas têm um peso semântico diferente. Se você discorda disso e prefere alteridade, ou se outridade te incomoda, eu posso colocar uma nota sobre isso, mas prefiro manter outridade.

das movidas que a pessoa com conhecimento da rua utiliza. A leitora da rua olha para uma experiência como algo que está vivo e movendo-se ou por mover-se, enquanto a acadêmica olha nessas páginas para teoria aplainada, abstrata que não está conectada à experiência real. Sendo queer, sendo de cor, eu me considero entre as Fronteiras (a real encruzilhada ou ponte) dessas duas “leituras”. Eu posso estar apta para ler a situação na rua do ponto de vista de uma pessoa com conhecimento de rua, e eu posso olhar para essas escritas teóricas abstratas e estar apta a lê-las academicamente pela escolarização que tive.

Uma das coisas que descobri sobre pessoas criticando minha escrita é que elas querem que eu detalhe mais os vãos, ofereça mais transição. Acredito que isso é para que elas não tenham que trabalhar muito. “Em minhas orientações de escrita tutorial”, comentou Vicki Alcoset, minha estagiária de escrita, que é Chicana e judia, “essa é a principal agenda oculta que define ‘boa’ escrita nos EEUU. O ponto é assumir que a leitor/a é preguiçosa, quer tudo explicadinho para ela/ele. Se a leitor/a tem que trabalhar para chegar ao sentido, a escrita não é ‘boa’”. Outra razão pela qual as pessoas às vezes querem que eu detalhe é porque elas querem saber meu sentido e também o delas. Roz Spafford, uma instrutora de produção acadêmica na UCSC⁷, sugere que talvez a leitor/a esteja procurando por completude e complexidade, e deseje não projetar sua experiência/pensamento na minha, um desejo de escutar profundamente. Mas para mim, o que me diverte na leitura são esses vãos aos quais posso trazer minha experiência naquela escrita e usar imagens concretas para me perder na minha própria experiência. Mas não fomos ensinadas a ler dessa maneira. Nós fomos ensinadas, de fato, a não confiar nela. Eu acho que posso “ler” dessa forma porque estou tanto em meu mundo interior, meus mundos psíquicos e imaginários, que desenvolvi a capacidade de navegar tais textos. Quanto mais interajo com o texto melhor. Quanto mais entradas, mais acesso para todas de nós.

Fórmula de escrita lésbica branca

Uma das coisas que acho muito entediantes sobre escrita lésbica – ficção e não ficção – é uma quase previsível impressão ou imposição na escrita do que lésbicas deveriam pensar – um tipo de jeito politicamente correto que parece muito estéril, muito murcho. Uma fórmula leva à crença subjacente que para ser uma escritora lésbica você tem que escrever sobre sexualidade, e que o interesse predominante de nosso trabalho deveria ser relações sexuais ou sexualidade. É um fato. Essa marca ideológica nos faz ver nossa sexualidade de forma pré-construída. Diz a nós dykes como pensar e sentir sobre nossos corpos. Talvez se não tivéssemos que escrever tanto sobre sexo, a escrita seria mais vital e vibrante. Além disso, nem todas as dykes querem escrever sobre sexo ou sexualidade. O que nos traz de volta a um ponto anterior: Pode-se chamar uma literatura de lésbica quando ela não é sobre lesbianismo/sexualidade mas é feita por uma lésbica?

⁷ O livro que Spafford usa [na disciplina] Lit 203 na University of California em Santa Cruz, *Facts, artifacts and counterfactuals: theory and method for a Reading and writing course*, de David Bartholomae e Anthony Petrosky (Portsmouth, N.H.: Boynton Cook, 1986), sugere que ler é não ler.

Certos tropos que são considerados propriedade lésbica – as narrativas de sair do armário, a relação do casal lésbico, o término – se tornaram previsíveis. A fórmula é muito branca e majoritariamente classe média e tão prevalente que é quase um gênero. A narrativa de sair do armário é diferente quando é escrita da perspectiva de algum/a “outra” – por razões raciais, culturais, de classe, étnicas ou qualquer outra pela qual uma lésbica seja “outrizada”. Um monte de Outras culturais tomam os padrões brancos lésbicos como modelos. Tanto que qualquer novidade de perspectiva, de apresentação, de autoconfronto, encontrar-se como lésbica e como lésbica confrontar-se com sua comunidade, ao invés de ter aquela apresentação inédita, única, o que fazemos é copiar esse outro modelo que é branco classe média. Ele mata nossa escrita. Se não é possível mudar a fórmula inteiramente eu ao menos gostaria de vê-la ser mais representativa das diversas realidades de queers, lê-la e escrevê-la por outras lentes culturais. Penso que dykes abriram uma entrada no diálogo sobre mulheres conectando-se com nossos corpos. Dykes fizeram pontes entre alguns dos conceitos/crenças políticos, teóricos, culturais, críticos e a experiência concreta – externa/interna, sexual e corpórea. E isso foi muito bom.

Um arco-íris é uma ponte. A palavra é usada politicamente por americanas Nativas – ela deriva do povo Nativo americano simbolizando a forma com que pessoas diferentes se comunicam e relacionam umas com outras. É a visão que Nativas americanas têm do vermelho e do branco e do negro e do amarelo sendo capazes de se comunicar e fazer alianças. De acordo com as americanas Nativas, elas eram as guardiãs da Terra e elas eram aquelas que facilitariam essa rica multi-aliança, multi-ponte. Uma ponte exclui separatismo racial. Então o conceito apanhou recentemente por causa dos tempos reacionários pelos quais estamos passando e a eclosão do racismo e supremacia branca. Mas eu posso ver que nos 1990 uma ponte *serpente* arco-íris composta de novas/os mestizas/os, pessoas queer bi e multirracial que estão misturadas e politizadas vai insurgir e tornar-se vozes importantes em nossas comunidades gays, étnicas e outras.

notas da tradutora:

ⁱ ao longo do ensaio, Anzaldúa usa várias expressões y orações em espanhol. No contraste com o texto em inglês, elas se sobressaltam – o que não ocorre perto do português brasileiro (PB), pela maior parença entre esse par (com relação ao anterior). Optei por não inserir destaque para as expressões em espanhol, seguindo a forma do ensaio. nota da tradutora.

ⁱⁱ diferentemente de meu costume, optei por não traduzir “*dyke*” por sapatão, deixando o termo como Anzaldúa escreveu. também não traduzi “*queer*” por cuíer, como prefiro, para evidenciar a estranheira do termo y manter, com a poliglossia dessa escolha tradutória, os termos próprios do debate sobre representação y enunciação em voga no contexto de Anzaldúa. n. da t.

ⁱⁱⁱ oscilei entre o uso de feminino genérico ou des-marcação de-generada (pelo uso do “x” como des-marca de flexão de gênero) na tradução de palavras neutras-de-gênero no inglês quando se referiam a pessoas queer. oscilei entre ou dupla-marcação em trechos do inglês em que Anzaldúa faz duras críticas a pessoas hetero em geral (mulheres, homens...) ou masculino genérico – aprendido em minha prática ativista de marcar “o inimigo” com seus próprios termos, mas evitado, também, porque pode alimentar uma homogeneização que não existe entre quem pode exercer privilégio sobre outrem. já na tradução de trechos em espanhol em que Anzaldúa usou dupla marcação (“Chicanas/os”), segui-a. n. da t.

^{iv} traduzi o registro mais oral de algumas passagens usando termos típicos do registro oral ou de escrita informal com as quais sou familiarizada.